

ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO À DISTÂNCIA, REMOTO, HÍBRIDO. PARA ONDE QUEREMOS IR?

ENSEÑANZA DE ARQUITECTURA Y URBANISMO A DISTANCIA, HIBRIDA. A DÓNDE QUEREMOS IR?

REMOTE, HYBRID ARCHITECTURE AND URBANISM TEACHING. WHERE DO WE WANT TO GO?

MONTEIRO, ANA MARIA REIS DE GOES

Profa. Dra, Universidade Estadual de Campinas. Email: anaques@unicamp.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da participação da autora na II Roda de Conversa Virtual, organizada pelo grupo de Pesquisa Projetar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e ocorrida no dia 24 de setembro de 2020. O objetivo é apresentar um quadro das condições do ensino de graduação em Arquitetura e Urbanismo no Brasil.

A reforma universitária empreendida pela ditadura militar (1964 – 1985) possibilitou o início do crescimento da rede privada do ensino superior brasileiro. Durante os anos 2000, uma série de políticas públicas favoreceu a expansão do ensino superior brasileiro e, a partir de 2009, assistimos ao ingresso do capital estrangeiro no setor.

O reflexo dessas políticas públicas nos cursos de Arquitetura e Urbanismo foi direto. Entre 2000 e 2010, o número de cursos de graduação em Arquitetura dobrou e, entre 2010 e 2019, multiplicou-se por 3, sendo que a esmagadora maioria desses cursos pertence a Instituições de Educação Superior privadas.

A partir de 2016, o ensino de graduação 100% online em Arquitetura e Urbanismo se tornou realidade. Ainda que as entidades representativas dos arquitetos e urbanistas – Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA), Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas (FNA) e Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (FENEA) tivessem se posicionado contrários e que o Conselho de Arquitetos e Urbanistas (CAU/BR) tivesse determinado que egressos desses cursos não teriam seus diplomas reconhecidos, eles ainda existem.

A pandemia da Covid 19 expôs de forma irreversível as mazelas sociais brasileiras, a desigualdade e a falta de oportunidade a que milhares de estudantes estão submetidos, especialmente aqueles matriculados na extensa malha do ensino superior privado. Com ela, as aulas foram suspensas e o ensino remoto passou a ser uma realidade. Realidade esta que é preciso ver e rever a todo momento, visto que a cidade/sociedade real é o lugar por excelência de aprendizado para nossos alunos, pois não é possível formar Arquitetos e Urbanistas distantes da realidade socioespacial em que vivem.

2 PANORAMA DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

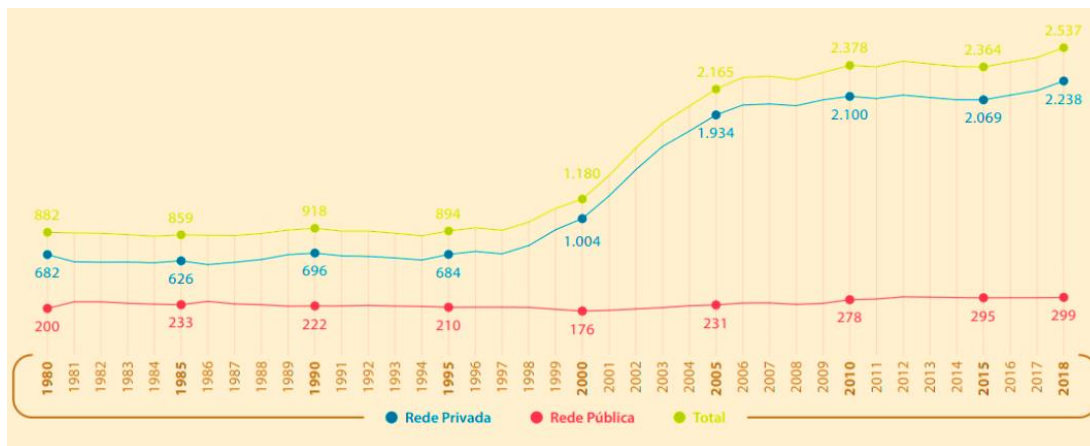
A reforma universitária empreendida pela ditadura militar (1964 – 1985) possibilitou o início do crescimento da rede privada do ensino superior brasileiro. Durante a gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2003), a aprovação da legislação que permitiu a abertura de Instituições de Educação Superior (IES) com fins lucrativos favoreceu ainda mais a expansão do setor. Assim, se nos anos 1960, a rede privada era constituída principalmente por IES sem fins lucrativos, de origem religiosa, a partir dos anos 2000, vê-se o fenômeno da mercantilização do ensino superior tomar corpo e forma, e o segmento passou a ser dominado por grupos empresariais (MONTEIRO, 2007).

Durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003 – 2010), houve uma pequena expansão das IES federais, com a criação de 18 novas Universidades Federais, implantadas fora das capitais e nas regiões Norte e Nordeste. Porém, após 2009, o panorama das IES sofreu nova alteração, com o ingresso do capital



estrangeiro e o resultado disso é o quadro que vivenciamos, de mercantilização do ensino superior brasileiro (Figura 1).

Figura 1: Número de Instituições de Educação Superior no Brasil 1980 – 2018.

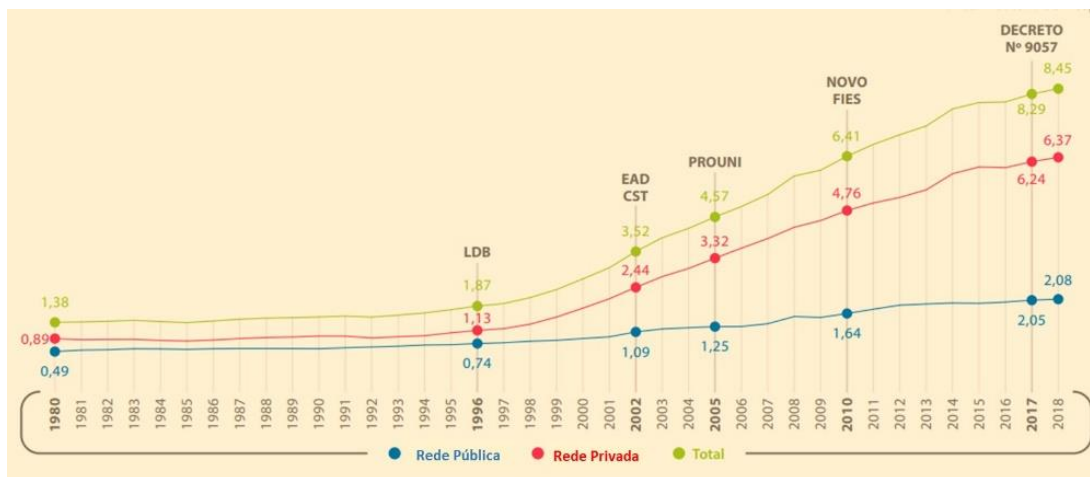


Fonte: <https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/edicao-10/>

Em 2019, das 2608 IES existentes no Brasil, 2306 (88,42%) eram privadas e 302 (11,58%) eram públicas. Em relação às IES públicas, pode-se dizer que 43,7% (132 IES) eram estaduais; 36,4% (110 IES) eram federais; e 19,9% (60 IES) eram municipais.

Conforme o Censo da Educação Superior (BRASIL 2017 A), em 2017, a rede privada de IES foi responsável por 75% das matrículas em cursos de graduação no Brasil. Em 2019 (BRASIL 2019 B), segundo a mesma fonte, essa proporção se manteve praticamente a mesma de 2017. Há de se ressaltar que, a partir de 2005, foram implantadas uma série de políticas públicas de financiamento do ensino superior, o que garantiu a expansão do número de matrículas nas IES privadas, como se vê em vermelho na Figura 2.

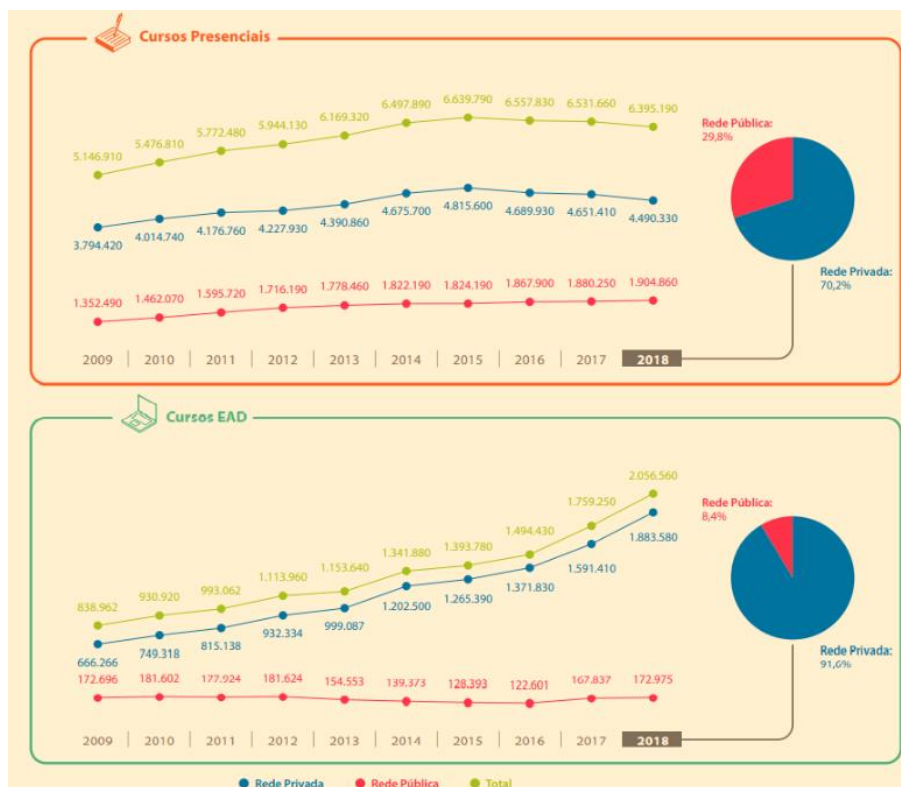
Figura 2: Matrículas no ensino superior no Brasil em milhões 1980 – 2018.



Fonte: <https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/edicao-10/>

E o que dizer sobre o ensino a distância (EAD) no Brasil? Em 2018, havia 7,2 milhões de vagas nos cursos à distância, contra 6,4 milhões nos ditos presenciais. Dois anos antes, essa proporção era o inverso. Isso se deve em parte ao fato que em 2017, durante o governo de Michel Temer, o MEC flexibilizou a criação e a fiscalização dos polos de EAD. Se antes a lei previa visitas prévias do governo a todas as unidades educacionais das IES, a partir daquele momento, bastava que elas cumprissem alguns parâmetros e a visita seria realizada somente na sede. Os dados do Inep também mostram que, entre 2017 e 2018 (BRASIL 2018 C) o número de cursos EAD aumentou 50,7%, perfazendo um total de 3.177 cursos. Dados do Semesp (INSTITUTO SEMESP, 2020) revelam que as matrículas presenciais registraram uma queda de 2,1% de 2017 para 2018 e, no mesmo período, as matrículas EAD saltaram 16,9%, como se vê na Figura 3.

Figura 3: Matrículas em cursos presenciais e à distância – oferta de vagas em milhões – 2009 – 2019.



Fonte: <https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/educacao-10/>

3 REFLEXO NOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO

Obviamente, o reflexo dessas políticas públicas nos cursos de Arquitetura e Urbanismo é direto, como se vê na Figura 4. O gráfico mostra as IES habilitadas e com cursos de AU ditos presenciais em funcionamento por ano de início das atividades. Em vermelho, são indicadas as públicas e em branco as privadas. Os números dentro dos círculos representam o número de IES existentes naqueles respectivos anos. Entre 2000 e 2010, o número de cursos dobrou e entre 2010 e 2019 multiplicou-se por 3 o número de IES que oferecem cursos AU. No final de 2019, existiam ainda 127 IES habilitadas no MEC, com cursos não iniciados. Se todos tivessem se iniciado em 2020, teríamos 805 IES oferecendo cursos de AU, sendo a esmagadora maioria em IES privadas.

Figura 4: IES que oferecem cursos de graduação presenciais em Arquitetura e Urbanismo - 1931 – 2019.



Fonte: E-MEC – 27/11/2019.

No final de 2019, existiam 96.870 vagas oferecidas para ingressantes em cursos AU ditos presenciais, dessas, somente 9.683 (10%) estavam em IES públicas. Em 2018, o total de estudantes matriculados em todos os

curso, em todos os anos, era de 159.825, sendo 137.575 (86%) em IES privadas e 22.250 (14%) em IES públicas. No mesmo ano, 22.639 jovens se formaram em AU (BELTRÃO, 2020).

O que dizer de todos esses números? A primeira e mais óbvia conclusão é que não existe análise que se faça que consiga casar todos eles. Fica evidente também o pouco investimento do governo federal no ensino superior público, setor estratégico. Outra questão que se mostra, em relação aos cursos ditos presenciais no Brasil, é que o alto número de IES privadas oferecendo cursos de AU significa concorrência de mercado. E aí, com a existência desses grupos internacionais, o que se vê são cursos menores e razoavelmente bem estruturados sendo engolidos pelos gigantes do setor. Ou ainda, cursos tradicionais se desmantelando, tendo que se reinventar para se adequar ao mercado, como é o caso das profissionais.

Dentro desse quadro, também é preocupante a não transparência dos dados dos cursos. Não se sabe, por exemplo, quantas vagas são de fato oferecidas. Não se tem, em muitos deles, a menor ideia de quem são os professores. Na maioria dos cursos, é quase impossível se ter ideia de como ele se estrutura. Dificilmente encontra-se o Projeto Pedagógico. Às vezes, é possível visualizar a matriz curricular. Porém, normalmente ela é colocada como um rol de disciplinas e não se tem a menor ideia de como se articulam. Mas uma coisa é possível de se ver nessas matrizes: a ausência ou diminuição das disciplinas relacionadas à técnica, à materialidade da arquitetura. A ausência de laboratórios, de canteiros experimentais, de maquetarias, etc. Sem falar na ausência quase que total de um espaço que possa ser chamado de biblioteca. Isso é muito preocupante, pois diz respeito ao futuro da profissão e no que estamos deixando que ela se transforme.

E o que dizer do EAD em Arquitetura e Urbanismo? Ao final de 2019, existiam 41 IES habilitadas pelo MEC a oferecer cursos de AU 100% online, como se vê na tabela da Figura 5. Desses, 18 já estavam em funcionamento. Se todos os cursos estivessem em funcionamento, teríamos mais de 100.000 vagas para ingressantes, além das 96.870, oferecidas para os cursos presenciais.

Figura 5: IES habilitadas a oferecer cursos AU 100% online.

Código	Sigla	Nome da IES	Vagas autorizadas - ano	Carga horária	Número de polos	Alunos por polo (média)	Início funcionamento
1900	Unifesp	Centro Universitário do Paraná	100	3746	1	100	19/05/2019
724	UNIFACEX	Centro Universitário FACEX	200	3600	1	200	Não iniciado
1508	UNIFAMMA	Centro Universitário Metropolitano de Maringá	200	3600	1	200	25/02/2019
1853	UNIBTA	Centro Universitário UNIBTA	1000	3600	4	250	Não iniciado
206	UNITALO	Centro Universitário Italo-Brasileiro	300	3600	3	100	07/03/2019 / Não iniciado
526		Centro Universitário Braz Cubas	2000	3600	1	2000	Não iniciado
3649	UNIFCV	Centro Universitário Cidade Verde	2000	3880	1	2000	Não iniciado
1427	FSG	Centro Universitário da Serra Gaúcha	500	3600	4	125	01/08/2018
1490	UnifAJ	Centro Universitário de Jaguarituna	2000	4360	4	500	15/08/2018
1196	UNICESUMAR	Centro Universitário de Maringá	1000	4200	192	5,2	Não iniciado
490	UNIFAA	Centro Universitário de Valença	80	3620	1	80	03/02/2020
3348	UNIS-MG	Centro Universitário do Sul de Minas	60	3600	1	60	Não iniciado
3588	UNIDOMPEDRO	Centro Universitário Dom Pedro II	825	3760	171	4,82	Não iniciado
3840	UNIFACVEST	Centro Universitário FACVEST	500	3600	1	500	Não iniciado
1836	UNIFEOB	Centro Universitário Fundação de Ensino Octávio Bastos	120	4460	2	60	Não iniciado
1430		Centro Universitário Ingá	300	4040	35	8,5	07/05/2018
2835	UNINASSAU	Centro Universitário Maurício de Nassau	8850	3600	171	51,7	Não iniciado
1504	UNINASSAU MACEIÓ	Centro Universitário Maurício de Nassau de Maceió	8850	4000	1	8850	Não iniciado
5403	Uniopef	Centro Universitário OPEF	240	4620	1	240	01/03/2019
2571	FACREDENTOR	Centro Universitário Redentor	1000	3600	22	45,4	Não iniciado
1414	Unisl	Centro Universitário São Lucas	360	3600	2	180	Não iniciado
456	UNISANT'ANNA	Centro Universitário Santa Anna	200	3600	1	200	Não iniciado
1351		Centro Universitário SOCIESC	1000	3600	4	250	Não iniciado
344	UNA	Centro Universitário UNA	400	3600	5	80	04/09/2017
15452	UNA	Centro Universitário UNA de Bom Despacho	120	3600	2	60	01/02/2018
2132		Centro Universitário UNINORTE	150	3600	1	150	Não iniciado
1988	UNIAVAN	Centro Universitário AVANTIS	300	3860	1	300	05/09/2019
3998	INFNET	Instituto Infnet Rio de Janeiro	500	3867	1	500	Não iniciado
671	UNIDERP	Universidade Anhanguera	9999	3600	21	476	17/01/2017
319		Universidade Brasil	5000	4027	1	5000	Não iniciado
417	UNICID	Universidade Cidade de São Paulo	1000	3600	52	19,2	01/02/2018
221	UNICSUL	Universidade Cruzeiro do Sul	1000	3600	11	90,9	01/02/2018
383	UNAMA	Universidade da Amazônia	8850	3680	54	164	Não iniciado
496	UNIFRAN	Universidade de Franca	600	3600	2	300	01/02/2018
953	UNIMES	Universidade Metropolitana de Santos	500	3840	110	4,54	Não iniciado
437	UNIPAR	Universidade Paranaense	560	4320	7	80	19/02/2018
298	UNOPAR	Universidade Pitágoras	34800	3600	39	892	13/02/2017
375	UNISA	Universidade Santo Amaro	800	3600	82	9,7	Não iniciado
481	Universitas UNG	Universidade Universitas Veritas Guarulhos	8850	3620	105	84	Não iniciado
27	UNINCOR	Universidade Vale do Rio Verde	100	4160	1	100	01/03/2016

Fonte: E-MEC – 27/11/2019.

Na tabela, além do número de vagas para ingressantes, chama a atenção o número de polos que algumas IES têm, assim como a discrepância entre o número de polos e o número de alunos. Revela-se também que todos os cursos estão sendo regidos pelas mesmas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos presenciais – número de horas, prazo para integralização de 10 semestres ou 5 anos. E, apesar da flexibilidade vendida nos sites das IES, o aluno tem que terminar o semestre dentro do semestre, como nos presenciais.

O que esta tabela não mostra? Não mostra: a precarização do trabalho dos docentes que são muitas vezes obrigados a assinar contratos cedendo seu direito de imagem às IES; aulas totalmente gravadas e reproduzidas *ad eternum*; alunos sendo monitorados por tutores ou, na atualidade, por robôs. Não mostra também a precariedade dos polos, com ausência de infraestrutura, sem falar que EAD pressupõe que ambas as partes – alunos e IES – tenham uma excelente internet, coisa que, no tange aos estudantes, sabemos que

não é verdade. Outra questão importante são as propagandas institucionais que não condizem com a realidade nem da IES e nem do curso, criando expectativas a milhares de jovens que veem no diploma verdadeira possibilidade de ascensão social.

Vale lembrar que, em 2017, a ABEA se posicionou publicamente contra o EAD em AU. Foi seguida e apoiada pela FNA, FENEA e IAB. Em 2019, o CAU/BR se manifestou contrário ao EAD, e determinou que egressos desses cursos não teriam seus diplomas reconhecidos. Isso deu uma balançada na abertura e continuidade dos cursos EAD em AU. Balançou mas não freou a iniciativa privada que conseguiu que o MEC ampliasse, na realidade duplicasse, a carga horária de EAD permitida nos cursos presenciais. Se antes podiam ter 20% online, agora os presenciais podem ter 40% da sua carga horária em EAD.

E assim chegamos em 2020! O que se viu na pandemia até o momento? A pandemia expôs ao mundo as mazelas brasileiras e o descaso do governo federal com a sociedade brasileira. Para aqueles que tinham condições mínimas para se isolar, ela impôs o distanciamento social e a suspensão das atividades presenciais. Para os outros, o desemprego, a perda da casa...

Em 2020, o que se viu é que, se por um lado, algumas IES públicas vêm pesquisando, testando e aplicando as ferramentas de EAD há mais de uma década, por outro, as IES privadas vem, com esse tipo de tecnologia, testando um modelo de negócio, baseado no aumento do número de alunos, nas baixas mensalidades, na redução do número e dos salários dos professores, com ensino apostilado, com tutores que desconhecemos a formação, mas que atendem a centenas de alunos nas plataformas online. O que se viu também foi a demissão em massa de nossos colegas docentes das IES privadas, o aumento expressivo do número de alunos por turma, a contratação de tutores, a precarização do trabalho daqueles professores que permaneceram com seus empregos, a obrigatoriedade de cederem o direito de uso de suas imagens, as aulas gravadas e exibidas *ad infinitum*, etc. (WILDERON E ARANTES, 2020).

E quanto aos principais sujeitos do processo de ensino aprendizagem – docentes e discentes - o que dizer?

Em relação aos estudantes, pode-se dizer aquilo que os une e o que os separa. O que os conecta é um grande sofrimento mental e físico. Recentemente, o Royal Institute of British Architects (RIBA 2020) publicou pesquisa realizada com estudantes durante a pandemia. Os resultados dizem que 58% dos alunos estão com problemas de saúde mental, 39% responderam que sua saúde física piorou, 45% se sentem isolados. No Brasil, o quadro não é diferente. Os veteranos talvez tenham se enquadrado melhor no sistema de aulas remotas, porém, lhes falta a convivência entre eles e entre eles e nós professores. Falta-lhes, dadas as condições econômicas e sociais brasileiras, a perspectiva de futuro. Os calouros por sua vez desconhecem o que é vivência universitária. E o que os separa? O território em que vivem e a falta de oportunidades que isso pode significar. O EAD, ou mesmo o ensino remoto, se diz flexível e inclusivo. Isso não é de forma alguma verdadeiro. Sabemos que um número expressivo de estudantes não tem acesso à banda larga, muitos não tem mesmo um computador ou um lugar em casa onde possa estudar e talvez ligar sua câmera durante as aulas remotas. Sabe-se que as IES públicas se voltaram para esse problema, algumas fizeram empréstimos de notebooks para esses estudantes, outras alugaram equipamentos. Mas o que dizer das IES privadas? Com o fim do subsídio do governo federal ao ensino superior, FIES, Prouni, muitos alunos tiveram que desistir de seus estudos, o que foi agravado com a pandemia, o que, mais uma vez, nos coloca em débito com esses jovens.

E o que dizer dos professores? Pode-se dizer que até o momento os docentes foram os grandes protagonistas desse período de pandemia, já que fomos obrigados a nos responsabilizar pela transição entre o presencial e o digital e pressionados para que tudo corresse às mil maravilhas. Todos nós trabalhamos exaustivamente, muito mais do que o normal, sem a devida remuneração, e muitas das despesas – internet, energia elétrica, ar-condicionado, mobiliário - foram e estão sendo às nossas próprias custas. Nós, na maior parte das vezes sem apoio das IES, adaptamos os nossos conteúdos às plataformas digitais, superamos as dificuldades de uso de ferramentas, driblamos as dificuldades de conexão durante as aulas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse é o esboço do quadro do ensino de Arquitetura e Urbanismo nos dias de hoje. À guisa de conclusão, eu gostaria de fazer algumas considerações:

- O ensino de Arquitetura e Urbanismo deve ser presencial. O ateliê é um espaço de aprendizagem, de integração e de produção de conhecimento;
- Todas as ferramentas digitais são muito bem vindas no ensino de Arquitetura e Urbanismo, desde que todos os envolvidos tenham acesso a elas;

- Um curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo 100% online - com a exibição *ad infinitum* de aulas gravadas -, reproduz modelos ultrapassados, incentivam a sua repetição e não permitem a produção ou a construção de algo novo por quem deveria ser o sujeito do processo, o aluno. Além disso, a reprodução de aulas gravadas tende a “congelar” seu conteúdo, dificultando sua atualização. O ensino universitário tem o caráter de formar o ser humano e não apenas o profissional. Dessa forma, estimular o livre pensar, a mudança e a revisão dos conceitos acabam, novamente, por se contrapor ao modelo reprodutivo.
- Um curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo 100% online minimiza o papel do professor, visto que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção;
- Um curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo 100% online retira do estudante a possibilidade de vivência universitária, de trocas, de conhecer outras realidades;
- Em tempos de pandemia e aulas remotas é sempre bom lembrar que Arquitetura é materialidade, é espaço concreto. A cidade não é um *game* que pode ser jogado para enfim criar/projetar o lugar ideal. A cidade é para ser vivida. A cidade/sociedade real é o lugar por excelência de aprendizado para nossos alunos, pois não é possível formar Arquitetos e Urbanistas distantes da realidade socioespacial em que vivem.

E por fim uma questão que deixo no ar. Embora nossa experiência de mundo se dê a partir da combinação dos cinco sentidos, grande parte da arquitetura referenciada por nossos estudantes, especialmente durante a pandemia da Covid 19, se dá sob a consideração de apenas um sentido: a visão intermediada pelo computador. Eu pergunto se a virtualização do ensino de Arquitetura e Urbanismo, a priorização da visão e a consequente minimização das demais esferas dos sentidos pode afetar a formação de nossos alunos, tendo como consequência um empobrecimento do ambiente construído.

5 REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, KAIZO. (org.). *Evidências do ENADE e de outras fontes: mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020. 94 p. Disponível em: <http://www.cesgranrio.org.br/pdf/Enade/1%20-%20RELATORIO%20DIGITAL%20DE%20ARQUITETURA%20E%20URBANISMO%20COMPLETO.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.
- BRASIL (A). INEP/MEC. (org.). *CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: notas estatísticas 2017*. Brasília: Inep, 2017. 28 p. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf. Acesso em: 25 mar. 2018.
- BRASIL (B). INEP/MEC. (org.). *Censo da Educação Superior: notas estatísticas 2019*. Brasília: Inep, 2019. 32 p. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educao_Superior_2019.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.
- BRASIL (C). DIRETORIA DE ESTATÍSTICAS EDUCACIONAIS (DEED). (org.). *Censo da Educação Superior: notas estatísticas 2018*. Brasília: Inep, 2018. 44 p. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf. Acesso em: 07 maio 2019.
- INSTITUTO SEMESP (Brasil) (org.). *Mapa do Ensino Superior no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Instituto Semesp, 2020. 192 p. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/educacao-10/download/>. Acesso em: 02 ago. 2020.
- MONTEIRO, A. M. R. G. *O ensino de Arquitetura e Urbanismo no Brasil: a expansão dos cursos no estado de São Paulo no período de 1995 a 2005*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2007.
- RIBA (Inglaterra) (org.). *RIBA COVID-19 STUDENT SURVEY: KEY FINDINGS: how is the crisis continuing to impact architecture students? read the findings from our covid-19 student survey. How is the crisis continuing to impact architecture students? Read the findings from our COVID-19 student survey*. 2020. Disponível em: <https://www.architecture.com/knowledge-and-resources/knowledge-landing-page/riba-covid-19-student-survey-key-findings>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- WILDEROM, Mariana; ARANTES, Pedro Fiori. *Arquiteturas da distância: o que a pandemia pode revelar sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo*. *Archdaily Brasil*, São Paulo, p. 1-16, 02 ago. 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/944738/arquiteturas-da-distancia-o-que-a-pandemia-pode-revelar-sobre-o-ensino-de-arquitetura-e-urbanismo>. Acesso em: 03 ago. 2020.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).